

FILOSOFIA. ERA UMA VEZ...¹

Sobre um insólito despertar.

"(...) L'esprit historique et l'artiste veulent tous deux refaire le monde. Mais l'artiste, par une obligation de sa nature, connaît ses limites que l'esprit historique méconnaît. C'est pourquoi la fin de ce dernier est la tyrannie tandis que la passion du premier est la liberté. Tous ceux que aujourd'hui luttent pour la liberté combattent en dernier lieu pour la beauté. Bien entendu, il ne s'agit pas de défendre la beauté pour elle-même. La beauté ne peut se passer de l'homme et nous ne donnerons à notre temps sa grandeur et sa sérénité qu'en le suivant dans son malheur. Plus jamais nous ne serons des solitaires. Mais il est non moins vrai que l'homme ne peut se passer de la beauté et c'est ce que notre époque fait mine de vouloir ignorer. Elle se raidit pour atteindre l'absolu et l'empire, elle veut transfigurer le monde avant de l'avoir compris. Quoi qu'elle en dise, elle déserte ce monde. Ulysse peut choisir chez Calypso entre l'immortalité et la terre de la patrie. Il choisit la terre, et la mort avec elle. Une si simple grandeur nous est aujourd'hui étrangère.(...) "Je hais mon époque", écrivait avant sa mort Saint-Exupéry, pour des raisons qui ne sont pas très éloignées de celles dont j'ai parlé. Mais, si bouleversant que ce soit, ce cri, venant de lui qui a aimé les hommes dans ce qu'ils ont d'admirable, nous ne le prendrons pas à notre compte. Quelle tentation, pourtant, à certaines

¹ Este texto não é, não pretende ser, um artigo convencional, aquilo que se poderia esperar numa "Revista de Filosofia". Não tem notas, nem investigação original, nem aparato erudito, pois nada quero discutir, expôr, ensinar!

Foi escrito, propositadamente, como homenagem a um Professor de Filosofia (Professor Eduardo de Soveral), a um "meu" Professor de Filosofia, que me deixou "ser assim como sou". Provou-me que é possível ser-se Livre!

É este acto de liberdade que lhe dedico.

beures, de se détourner de ce monde morne et décharné! Mais cette époque est la nôtre et nous ne pouvons vivre en nous baissant. Elle n'est tombée si bas que par l'excès de ses vertus autant que la grandeur de ses défauts. Nous lutterons pour celle de ces vertus qui vient de loin. Quelle vertu? Les chevaux de Patrocle pleurent leur maître mort dans la bataille. Tout est perdu. Mais le combat reprend avec Achille est la victoire est au bout, parce que l'amitié vient d'être assassinée: l'amitié est une vertu.(...)"

ALBERT CAMUS, "Noces suivi de L'Été"²

No princípio, a Filosofia era um espaço em que a vontade de Alegria conquistava terreno à longa noite de certezas que não entendíamos, mas acreditávamos "porque sim", porque só a treva nos cobria e todo o sentido nos escapava, a nós, os "Humanos", os incompetentes, impotentes, incapazes, entre os rumores duma Natureza agreste e os milhares de enigmas que povoavam as encruzilhadas de todos os caminhos, o voo dos pássaros, a luz das estrelas, o "som e a fúria" duma História que só nos consentia aceitar o "Destino" que "algo" ou "alguém" nos reservou!

Como quem nasce e toma consciência dum corpo que lhe pertence, mas ainda "não sabe" que é seu, a Filosofia pressentiu a primeira vertigem da liberdade de espírito, a consciência de "qualquer coisa está por fazer", que há no Mundo entidades previsíveis, que as máscaras só duram enquanto temos medo do Medo, que é possível tocar os objectos, compará-los, desmontá-los, descobrir os fios que prendem todos os Polichinelos, depois seguir com a Mão e o Espírito essas rugosidades de pedra, adivinhando trajectórias, correr labirintos onde o Minotauro é, afinal, a nossa ignorância de tantas e tantas coisas, o rosto que temos só é de pavor, as paredes húmidas são cartolina pintada, sem Autor, sem Causa, só "estavam ali" desde os séculos dos séculos e abrigavam-nos das dúvidas, dos temores, da incomensurável solidão dum Espírito prisioneiro.

Em Mileto, Samos, Abdera, Agrigento, Siracusa, uma tênue luz destacava-se da infundável noite da História Humana, e essa chama juntava-se a outras, mais outras ainda, o Mediterrâneo abria portas a uma Civilização que ia descobrindo que a nossa alma só cresce

² ALBERT CAMUS, "Noces suivi de L'Été", Gallimard, Paris, 1959, pp. 138/140.

entre a inquietação, a turbulência e emerge, desse combate, um inenarrável Contentamento.

Algures, nos céus do Olimpo, os deuses que nos criaram, sustiveram, por um instante, a respiração, sorriram da nossa pequenez, da irresponsabilidade infantil, e continuaram a entreter-se nos seus infinitos jogos. Pensaram e julgavam ter a certeza que essa minoria absurda de mutantes extinguir-se-ia naturalmente, pois nada tinha a oferecer à imensa multidão de criaturas que, de Sol a Sol, dobradas sobre a Terra, deserdadas de tudo, correriam para o templo ao primeiro trovão, à primeira cheia do rio que passa lá em baixo, ao mistério duma noite iluminada por estrelas cadentes.

Todo a gente sabe que no Olimpo não há espelhos, e é pena!

Porque se houvessem, e Zeus, mais o incomensurável séquito de acólitos, tivesse por hábito observar-se de quando em vez, teria visto a sua imagem perdendo nitidez, primeiro apenas umas sombras no rosto, um pormenor que faltava, talvez um espaço em branco.

Na Terra, local de exílio, os Pitagóricos abriam escolas, Parmênides completava o "*Poema*", Empédocles desaparecia num vulcão, os Sofistas chegavam a Atenas, Sócrates ia ao Egipto, Aristóteles jogava e conversava com o Príncipe Alexandre. E cada hora, cada dia, as imagens nos espelhos celestiais tornavam-se mais baças, o corpo belo de Deméter era pouco mais que um contorno, uma linha que se extinguía, caminho sem recuo para a transparência total...

Até que tudo desapareceu, ficou só essa "*ausência do Céu*", essa presença obcecante dum sítio sem nada, e esse foi o dia em que ficámos sós! Ficámos cá "*em baixo*", mortais, avassalados pela História, por doenças, por violências mil. Só nos tínhamos uns aos outros e eramos poucos, uma grande inquietação, um desconforto, um não poder regressar atrás, e um ignorar se existe um abrigo para a insensatez da nossa descoberta.

Mas nada existe, uma vez quebrado o cristal!

Então, nas praças, nas soleiras das portas, nos rochedos duma baía donde partiriam, talvez, os barcos para Ítaca, conversávamos até de madrugada sobre golfinhos, conchas, planetas, governo das Cidades. Perguntávamos o que é a "*Justiça*", a "*Beleza*", o estranho poder dos números, a incomensurabilidade razoável de "*Pi*".

Esse foi o dia em que alguém disse:

– “*Eu sou de Filosofia*”.

Dessa hora, desse dia mágico, sentimo-nos herdeiros! Até quando o mereceremos?

Até quando?!

Levi António Malho